
ARTIGO ORIGINAL

Doação de sangue entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina

Thiago Silveira Pereira¹, João Luiz Bastos²

Resumo

Objetivo: Estudar os motivos pelos quais graduandos de medicina doam ou não sangue, bem como os fatores associados à doação de sangue.

Métodos: Os dados foram colhidos através de um questionário auto-aplicável, respondido por estudantes matriculados no primeiro semestre de 2008. Informações sobre os motivos para terem ou não terem doado sangue, idade, sexo, fase do curso, renda familiar, escolaridade dos pais, origem escolar no ensino médio, *status* de doação dos pais e tipo sanguíneo foram coletadas.

Resultados: A prevalência global de doação sanguínea foi de 39%. Mais de 70% dos estudantes doou sangue por vontade de ajudar ao próximo. Entre os motivos para não doação, 33% responderam que não cumpriam os pré-requisitos e 26% acusaram falta de tempo. Os estudantes com ≥ 24 anos, que cursavam entre 5^a e 8^a fase e cujas mães doavam sangue apresentaram maior prevalência de doação de sangue.

Conclusão: A prevalência de doação sanguínea encontrada pode ser considerada alta. Medidas educativas, flexibilização do atendimento dos hemocentros e ampliação de benefícios aos doadores podem contribuir para a manutenção ou o aumento da prevalência de doadores nesta população.

Descritores: 1. Estudantes de medicina;
2. Doadores de sangue;
3. Sangue.

Abstract

Objective: To investigate the reasons why undergraduate medical students donate blood or not, and associated factors with blood donation.

Methods: Data were collected through self-completed questionnaires, among students during the first semester of 2008. Items probing reasons for blood donation or not, age, sex, course stage, income, paternal and maternal educational level, type of high school of origin, blood donation status of fathers and mothers and blood type were collected.

Results: The global prevalence of blood donation was 39%. Over 70% of all students donated blood to help a close friend/relative. Among the reasons for not donating blood, 33% stated they were not able to do so and 26% could not donate due to lack of time. Students ≥ 24 years of age, in the 5th to the 8th course stage and whose mothers were blood donors presented a significantly higher prevalence of blood donation.

Conclusion: The prevalence of blood donation may be regarded as high. Educational interventions, improvements in access to blood centers and extension of benefits to blood donors may contribute to the maintenance or increase in the prevalence of blood donors.

Keywords: 1. Students;
2. Medical students;
3. Blood donors;
4. Attitude.

1 – graduado em medicina; Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

2 – mestre em epidemiologia; Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul.

Introdução

A idéia de atribuir ao sangue capacidade de cura encontra registros em povos antigos, como romanos, egípcios e antigos noruegueses⁽¹⁾. A primeira complicação referente à doação de sangue foi registrada em 1492, quando três jovens faleceram após doarem sangue ao Papa Inocêncio VIII. Jean Denis, em 1667, foi o primeiro a realizar transfusões de animais para seres humanos. Em 1818, James Blundell postulou que somente o sangue humano poderia ser utilizado em seres humanos. Esta fase, chamada de pré-científica da transfusão sanguínea, se estendeu até aproximadamente 1900, quando Karl Landsteiner identificou os grupos sanguíneos A, B e O e, em 1902, De Costello & Sturli descobriram o grupo AB⁽²⁾.

No Brasil, já na fase científica, Brandão Filho e Armando Aguinaga foram os pioneiros na transfusão sanguínea. Em 1916, Isaura Leitão descreveu em sua tese de doutorado quatro relatos de transfusão sanguínea realizadas no país. Até a década de 1940, já existiam vários serviços especializados, com destaque para o Serviço de Transfusão de Sangue do Rio de Janeiro. Ainda nesta época, a doação de sangue era remunerada, mas, a partir dos anos 50, iniciaram-se os primeiros movimentos para estabelecer a doação voluntária. Após mobilização realizada pela Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia, no dia 1º de maio de 1980, teve fim a doação remunerada no estado de São Paulo e, em junho do mesmo ano, foi extinta a doação remunerada de sangue em todo o Brasil⁽³⁾.

Apesar de mais de um milhão de bolsas de sangue serem coletadas anualmente no mundo, estima-se que esta quantidade não seja suficiente para suprir a demanda global de sangue⁽⁴⁾. A Organização Mundial da Saúde recomenda que 3% a 5% da população adulta seja doadora voluntária de sangue, a fim de atender a demanda transfusional média de cada país⁽⁵⁾. No Reino Unido, por exemplo, 6% da população elegível doa sangue regularmente e, nos Estados Unidos, estima-se que 8% da população seja doadora⁽⁶⁾.

No Brasil, o Ministério da Saúde estima que apenas 1,8% da população doe sangue. Em particular, no Estado de Santa Catarina há também uma escassez de doadores e de sangue disponível nos estoques dos hemocentros. Segundo o jornal Diário Catarinense, em 2007, apesar da captação de 41 mil litros de sangue, duas mil cirurgias foram prorrogadas em função da escassez deste material biológico. Por este e outros motivos, a busca incessante

por novos doadores constitui uma necessidade e um desafio permanente para os hemocentros e autoridades sanitárias⁽⁷⁾.

Neste sentido, é necessário conhecer os motivos pelos quais as pessoas doam sangue, bem como investigar porque a grande maioria da população não o faz. Segundo a Organização Pan-americana de Saúde, em qualquer campanha de captação de doadores, o primeiro passo é manejar os sentimentos negativos, tais como medo de agulhas e medo do resultado do teste sorológico. É importante também conhecer o perfil dos doadores a fim de identificar as características das pessoas que estão mais pré-dispostas a fazê-lo⁽⁸⁾.

O objetivo do presente estudo foi estudar os motivos pelos quais estudantes de graduação em medicina de uma universidade pública da região Sul do país doam e não doam sangue, além dos fatores associados à doação de sangue.

Métodos

Foi realizado um estudo transversal com alunos de graduação em medicina da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), regularmente matriculados no primeiro semestre de 2008. O instrumento para a coleta de dados consistiu num questionário individual, auto-aplicável, com perguntas fechadas e semi-abertas abrangendo os seguintes aspectos: a frequência de doadores de sangue, pelo menos uma vez na vida, o motivo para doar ou não doar sangue e características socioeconômicas e demográficas. Os questionários foram aplicados no início ou término da aula de cada turma, escolhida com autorização prévia do professor responsável e na presença do investigador principal do estudo ou de uma auxiliar de pesquisa devidamente treinada. Foram realizadas três visitas a cada turma, a fim de possibilitar aos alunos ausentes oportunidade de responder ao questionário e, com isso, diminuir perdas.

Previamente ao trabalho de campo, realizou-se estudo-piloto em dezembro de 2007, com 40 estudantes de graduação em odontologia da mesma universidade, a fim de testar o instrumento, identificar problemas na compreensão das perguntas, fazer alterações no questionário e contribuir para a organização do trabalho de campo.

As variáveis independentes investigadas foram: (a) idade – coletada de forma numérica discreta e categorizada em 17-20, 21-23 e ≥ 24 anos para fins de análise; (b) renda familiar – registrada de forma contínua

e analisada em categorias de R\$500,00-4.000,00, R\$4.001,00-7.000,00 e R\$7.001,00-80.000,00; (c) escolaridade dos pais – coletada conforme as categorias superior incompleto, completo e pós-graduado; (d) sexo – masculino e feminino; (e) *status* de doação dos pais – já doou sangue e se o faz de maneira regular; (f) fase do curso em que o estudante se encontrava – 1-4, 5-8 e 9-12 fase; (g) origem escolar no ensino médio – apenas escola particular, apenas escola pública e ambas; (h) tipo sanguíneo – tipo A, O, B e AB.

Os dados foram digitados com checagem automática de amplitude e consistência através do programa EpiData, versão 3.1. A análise dos dados foi realizada no pacote estatístico STATA 9, de acordo com os seguintes procedimentos: a. Análise exploratória do banco de dados, incluindo cálculo da média, mediana, desvio-padrão e amplitude para as variáveis contínuas e frequência relativa para as variáveis categóricas; b. Estimacão da prevalência global de doadores de sangue e seu respectivo intervalo de confiança de 95%; e c. Análise da relação do desfecho (doação de sangue) com as variáveis independentes por meio do teste do exato de Fisher ou qui-quadrado para tendência linear.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, tendo sido aprovado sob o parecer de nº 359/07. Os princípios éticos foram resguardados através da obtenção de consentimento informado por escrito, garantia do direito de não participação na pesquisa e sigilo acerca das informações coletadas.

Resultados

Encontravam-se regularmente matriculados no 1º semestre de 2008 no curso de medicina da UFSC 590 alunos. O trabalho de campo abrangeu os meses de fevereiro a abril de 2008 e 515 alunos responderam de forma voluntária, proporcionando uma taxa de resposta de 87,3%. As perdas e recusas foram decorrentes da dificuldade de encontrar os estudantes em sala de aula, bem como do não interesse em participar do estudo.

Entre os 515 alunos, pouco mais da metade era do sexo feminino (52,7%). Na distribuição etária, cerca de um quarto dos estudantes apresentou entre 17-20 anos de idade, aproximadamente 47% tinha entre 21 e 23 anos e os demais tinham 24 anos ou mais. A idade média dos estudantes foi de 22,3 anos, com a menor e a maior idade correspondendo a 17 e 48 anos, respectivamente. Na distribuição por fases, 36% cursava entre a 1ª e a 4ª fase, 33% cursava entre a 5ª e a 8ª fase e 31% cursava

entre a 9ª e a 12ª fase. A frequência do tipo sanguíneo A foi de aproximadamente 43%, do tipo O foi de aproximadamente 44% e do tipo B foi de 10%. Os demais eram do tipo AB. Pouco mais de 5% não sabiam ou não informaram seu tipo sanguíneo (Tabela 1).

Sobre a origem escolar no ensino médio, 80,0% estudaram apenas em escolas privadas. A renda familiar média mensal foi de R\$8.168,33 e seu desvio-padrão foi de R\$ 8.066,79, variando entre R\$500,00 e R\$80.000,00. A escolaridade foi descrita como superior completo ou pós-graduação para 68,8% e 62,6% dos pais e mães dos participantes da pesquisa, respectivamente. No quesito *status* da doação dos pais, 57,3% responderam que seu pai já havia doado sangue alguma vez na vida e 39,7% responderam que sua mãe já havia doado sangue alguma vez na vida. A prevalência de pais e mães doadores frequentes (pelo menos uma vez ao ano) foi, respectivamente, de 14,0% e 11,0%.

Ao serem perguntados sobre doação de sangue alguma vez na vida, 200 estudantes (38,8%; IC 95% 34,6 - 43,1) responderam positivamente. Destes, 61 alunos não doaram sangue nenhuma vez nos últimos 12 meses, 83 doaram uma vez no último ano e 56 alunos o fizeram duas vezes ou mais. A média de doação nos últimos 12 meses foi de 1,6 vezes com desvio padrão de 0,9. Aproximadamente 95% daqueles que já doaram sangue relataram que o fariam novamente.

Entre os motivos citados para terem doado sangue, mais de 70,0% responderam ajudar o próximo e, aproximadamente, 11,0% doaram por pedido de algum amigo ou parente. Menos de 9,0% doaram para fazer exames ou motivados por campanha. Outros motivos menos frequentes foram conhecimentos adquiridos na disciplina de hematologia, participação em gincanas ou momentos festivos de recepção aos calouros da universidade.

Mais da metade dos estudantes realizou sua doação de sangue exclusivamente no hemocentro do Hospital Universitário (HU) da UFSC e 24,0% no Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina (HEMOSC). Dez alunos (5,0%) doaram sangue em ambos os locais e os demais realizaram a doação em outros hemocentros.

Entre os motivos para não terem doado sangue, 33,0% responderam que não cumpriam os pré-requisitos, 26,0% acusaram falta de tempo para doar, aproximadamente 15,0% disseram não se interessar pelo assunto e 9,5% disseram ter medo de sentir dor. Entre os que não preenchem os pré-requisitos, metade pesava menos de

50kg, 23,0% não desfrutava de boa saúde e 19,0% tinham comportamento de risco para doenças sexualmente transmissíveis.

Foi testada a associação entre doação de sangue alguma vez na vida e as variáveis independentes coletadas no trabalho. Não foi encontrada associação estatística entre doação de sangue e as variáveis sexo, tipo sanguíneo, renda familiar mensal, origem escolar no ensino médio, escolaridade dos pais, *status* e frequência de doação do pai. Tampouco, a magnitude das diferenças observadas segundo estas variáveis foi expressiva.

Ao avaliar a prevalência de doação de sangue alguma vez na vida conforme a fase do curso, encontrou-se associação estatística com valor- $p = 0,038$. Houve uma maior prevalência de doação entre os alunos da 5ª a 8ª fase (46,2%) em relação aos alunos da 9ª a 12ª fase (38,1%) e aos alunos da 1ª a 4ª fase (33,0%). Na avaliação da relação entre doação de sangue e idade, encontrou-se uma tendência linear do aumento da prevalência de doação de sangue com o aumento da idade, com valor- $p = 0,030$. A prevalência também foi maior entre os estudantes cujas mães eram doadoras frequentes de sangue, 59%, contra 35% nos quais as mães não eram doadoras frequentes de sangue, com valor- $p=0,016$ (Tabela 2).

Discussão

O presente estudo tem como vantagem a boa taxa de resposta obtida entre os estudantes. A coleta de dados, realizada de maneira rápida e com baixos custos através de questionário auto-aplicável também pode ser destacada como vantagem deste trabalho. Como limitação, pode-se destacar a restrição do estudo a apenas estudantes de medicina da UFSC. A utilização de um questionário com respostas fechadas ou semi-abertas também limitou um maior aprofundamento na investigação dos motivos para a doação e a não doação de sangue.

A prevalência de doação de sangue alguma vez na vida entre os estudantes de medicina da UFSC foi de aproximadamente 39%. Resultado semelhante foi encontrado na população geral do Irã⁽⁹⁾ e entre os paramédicos paquistaneses⁽¹⁰⁾. No entanto, a prevalência encontrada no presente estudo foi maior do que aquelas encontradas entre os estudantes da faculdade de medicina de Ribeirão Preto em 1994, que foi aproximadamente 15%⁽¹¹⁾ e entre os estudantes universitários gregos (17%)⁽¹²⁾. É possível que a

discordância entre a prevalência de doação de sangue entre os estudantes de medicina da UFSC em 2008 e de Ribeirão Preto em 1994 seja decorrente da diferença temporal entre as pesquisas. A hemoterapia apresentou importantes transformações nesse período, aumentando a segurança dos doadores e receptores. Facilidade de acesso às informações nos dias atuais, inclusive recebidas durante o curso de medicina, também podem ter contribuído para o aumento da prevalência de doadores de sangue.

A frequência de doação de sangue na população brasileira é estimada em 1,8%⁽¹³⁾. A maior prevalência de doação entre estudantes da área da saúde é possivelmente atribuída à maior carga de treinamento sobre o assunto que recebem durante sua formação profissional, bem como do maior conhecimento da necessidade do sangue na prática médica. Alguns autores demonstram que estudantes universitários possuem um nível maior de conhecimento e atitude mais positiva em relação à doação de sangue, quando comparados com a população geral⁽¹²⁾. Apesar de o conhecimento, de forma isolada, não ser suficiente para as pessoas doarem sangue, a informação sobre os procedimentos e os pré-requisitos para a população de forma geral é um importante instrumento que deveria ser explorado a fim de aumentar o recrutamento de novos doadores de sangue. A educação deveria iniciar já na escola e se manter dentro das universidades.

O hemocentro do HU foi o principal local de doação de sangue pelos estudantes de medicina, citado por 60% deles. O HEMOSC foi citado por aproximadamente 30%. A facilidade de acesso deve ser o principal motivo da preferência pelo hemocentro do HU. A vontade de colaborar com os estoques de sangue do hospital, onde os estudantes realizam estágios e plantões também pode contribuir por esta preferência.

Entre os motivos apontados pelos estudantes para doarem sangue, a vontade de ajudar o próximo foi o principal deles. O pedido de algum amigo ou paciente foi citado por aproximadamente 11%. Entre os doadores brasileiros, participantes de uma pesquisa conduzida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária⁽¹³⁾, o altruísmo foi citado por 36% e a necessidade de algum amigo ou parente foi citado por 18%. Entre a população de Trinidad e Tobago, o principal motivo foi a reposição para algum amigo ou familiar⁽¹⁴⁾. Apesar da diferença entre as pesquisas, a vontade de ajudar o próximo e a consciência da responsabilidade são os motivos mais apontados para doar sangue⁽¹⁵⁾.

O não cumprimento dos pré-requisitos foi o principal motivo para a não doação de sangue. A falta de tempo foi citada por 26% e o medo foi o motivo para menos de 10% dos estudantes. Entre os estudantes tailandeses e canadenses, o medo foi o principal motivo, bem como entre os chineses e os não-doadores americanos⁽¹⁶⁻¹⁹⁾. Entre os brasileiros, 33% não cumpriam os pré-requisitos e o medo apareceu como justificativa de 23%⁽¹²⁾. Diferente dos outros estudos, o medo não aparece entre as principais causas da não-doação de sangue pelos estudantes de medicina. A informação e o conhecimento do procedimento, com a possibilidade de acompanhar a doação de sangue de perto, devem contribuir para a redução das incertezas, do medo e para desmitificar a doação de sangue por parte dos estudantes. Especificamente, a falta de tempo apontada pelos estudantes de medicina poderia ser contornada pela maior flexibilidade de horários de atendimento do hemocentro do HU.

Não se encontrou associação estatística entre a doação de sangue e o sexo, diferentemente da pesquisa realizada entre os estudantes de medicina de Ribeirão Preto, em que os homens doaram mais que as mulheres⁽¹¹⁾. Com relação à idade, os estudantes com 24 anos ou mais apresentaram maior prevalência de doação de sangue. O resultado é semelhante ao encontrado entre os estudantes universitários gregos⁽¹²⁾. É possível que os estudantes mais velhos doem mais pelo fato de que tiveram mais tempo de vida para doar e se conscientizarem da necessidade do sangue para os pacientes.

O fato de a mãe ser doadora freqüente apresentou associação estatística com o desfecho entre os estudantes. É possível que a educação, através de informações sobre como é doar sangue e sua importância e o exemplo da mãe possam contribuir para o aumento dos doadores de sangue.

A prevalência de doação de sangue alguma vez na vida variou conforme a fase do curso. Os estudantes de 1ª a 4ª fase doaram menos (33%) que os estudantes de 9ª a 12ª fase (38%). Já os estudantes entre a 5ª e 8ª fase foram os que mais doaram, mais de 46%. Esta diferença foi estatisticamente significativa ($p=0,038$). Nota-se que a partir da 5ª fase ocorre um aumento na prevalência, que possivelmente ocorre em função das aulas de hematologia, que, no currículo atual, ocorrem na 5ª fase. As aulas práticas no hemocentro do HU provavelmente colaboram para esse aumento na prevalência. A diminuição entre a 9ª e 12ª fase pode decorrer em função

do início do internato médico, quando o estudante tem seu tempo livre reduzido, e da perda de contato com os conteúdos ministrados na disciplina de hematologia.

Apesar de haver maior prevalência de doação de sangue entre os acadêmicos dos tipos B e AB (52%) em relação aos do tipo O (41%) e do tipo A (34%), a diferença não foi significativa. É possível que isto seja função da baixa prevalência dos tipos B e AB entre os estudantes avaliados.

As leis brasileiras determinam que cabe ao poder público estimular a doação de sangue como ato relevante de solidariedade humana e compromisso social e proíbe que a doação seja feita de forma remunerada⁽¹⁾. Projetos de lei que buscam aumentar o número de doadores de sangue no Brasil tramitam no Congresso Nacional. Propõem-se benefícios como meia-entrada em eventos e até o atendimento preferencial em repartições públicas e bancos.

A criação da semana da doação de sangue pela coordenadoria do curso de graduação em medicina da UFSC, a realização de trabalhos no hemocentro do HU e a realização de eventos solidários com a doação de sangue por estudantes recém-ingressos são medidas que podem contribuir com o aumento da prevalência de doação de sangue nesta população.

Referências Bibliográficas:

1. Verrastro T, Lorenzi TF, Wendel-Neto S. Hematologia hemoterapia: fundamentos de morfologia, fisiologia, patologia e clínica. São Paulo: Atheneu; 1996.
2. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. Doação de sangue. 2007 [acesado em 25 jul 2007]; Disponível em: <http://www.einstein.br/portal2007/con-serv-deta-enti-area.aspx?iex=16&ix=95&id=74&id1=134>
3. Junqueira PC, Rosenblit J, Hamerschlak N. História da hemoterapia no Brasil. Rev Bras Hematol Hemoter 2005;27:201-207.
4. Buciniene I, Stoniene L, Blazeviene A, Kazlauskaite R, Skudiene V. Blood donors' motivation and attitude to non-remunerated blood donation in Lithuania. BMC Public Health 2006;6:166.
5. World Health Organization. Blood safety and donation. 2007 [acesado em 30 jul 2007]; Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs279/en/>

6. McVittie C, Harris L, Tiliopoulos N. "I intend to donate but." non-donors' views of blood donation in the UK. *Psychol Health Med* 2006;11(1):1-6.
7. Gobbi N. Emergência: falta de sangue adia cirurgias. *Diário Catarinense* 2007 11/09/2007;Sect. 4-5.
8. Organização Pan-Americana de Saúde. Doação de sangue. 2007 [acesado em 28 jul 2007]; Disponível em: <http://www.opas.org.br/>
9. Javadzadeh SH, Yavari MT, Attar M, Ahmadiyeh MH. Knowledge, attitude and practice study about blood donation in the urban population of Yazd, Iran, 2004. *Transfus Med Rev* 2007;16(6):403-9.
10. Gilani I, Kayani ZA, Atique M. Knowledge, attitude and practices (kap) regarding blood donation prevalent in medical and paramedical personnel. *J Coll Physicians Surg Pak* 2007;17(8):473-6.
11. Passos ADC, Farina RMA. Conhecimentos, atitudes e práticas em relação à doação sangüínea entre acadêmicos de Medicina. *Medicina (Ribeirão Preto)* 1994;27(3/4):380.
12. Androulaki Z, Merkouris A, Tsouras C, Androulakis M. Knowledge and attitude towards voluntary blood donation among a sample of students in Tei of Crete, Greece. *Icus Nurs Web J* 2005;23:1-9.
13. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Perfil do doador de sangue brasileiro. 2007 [acesado em 26 jul 2007]; Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/hotsite/doador_sangue/abertura.html
14. Sampath S, Ramsaran V, Parasram S, Mohammed S, Latchman S, Khunja R. Attitudes towards blood donation in Trinidad and Tobago. *Transfus Med Rev* 2007;17(2):83-8.
15. Godin G, Sheeran P, Conner M, Germain M, Blondeau D, Gagne C, et al. Factors explaining the intention to give blood among the general population. *Vox Sang* 2005;89(3):140-9.
16. Hupfer ME, Taylor DW, Letwin JA. Understanding Canadian student motivations and beliefs about giving blood. *Transfusion* 2005;45(2):149-61.
17. Mathew SM, King MR, Glynn SA, Dietz SK, Caswell SL, Schreiber GB. Opinions about donating blood among those who never gave and those who stopped: a focus group assessment. *Transfusion* 2007;47(4):729-35.
18. Wiwanitkit V. Knowledge about blood donation among a sample of Thai university students. *Vox Sang* 2002;83(2):97-9.
19. Zaller KE, Nelson PO, Ness G, Wen X. Knowledge, attitude and practice survey regarding blood donation

in a Northwestern Chinese city. *Transfus Med Rev* 2005;15(4):277-86.

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina de acordo com fatores sócio-econômicos, sexo, idade, fase do curso, idade, *status* de doação dos pais, escolaridade dos pais e tipo sanguíneo. Florianópolis (SC), maio de 2008.

Variáveis*	Distribuição da amostra	
	n	%
Sexo		
Masculino	243	47,3
Feminino	271	52,7
Idade (anos)		
17-20	136	26,5
21-23	242	47,2
≥ 24	135	26,3
Fase do curso		
1a – 4a	185	36,0
5a – 8a	169	32,9
9a – 12a	160	31,1
Tipo sanguíneo		
A	210	43,1
O	213	43,7
B	47	9,7
AB	17	3,5
Origem escolar no ensino médio		
Apenas escola particular	408	80,0
Apenas escola pública	42	8,2
Ambas	60	11,8
Renda familiar mensal (R\$)		
500,00 – 4.000,00	110	30,6
4.001,00 – 7.000,00	106	29,4
7.001,00 – 80.000,00	144	40,0
Escolaridade do pai		
Até superior incompleto	160	31,3
Superior completo	211	41,2
Pós-graduado	141	27,5
Escolaridade da mãe		
Até superior incompleto	192	37,4
Superior completo	193	37,6
Pós-graduada	128	25,0
Status de doação do pai		
Já doou sangue	185	57,3
Nunca doou sangue	138	42,7
Status de doação da mãe		
Já doou sangue	138	39,7
Nunca doou sangue	210	60,3
Pai é doador freqüente (doa 1 vez/ano)		
Sim	44	14,2
Não	266	85,8
Mãe é doadora freqüente (doa 1 vez/ano)		
Sim	27	10,6
Não	228	89,4
Total	515	100,0

*Variáveis com valores ignorados (freqüência absoluta): sexo (1), idade (2), fase do curso (1), tipo sanguíneo (28), origem escolar no ensino médio (5), renda familiar mensal (155), escolaridade do pai (3), escolaridade da mãe (2), *status* de doação do pai (192), *status* de doação da mãe (167), pai é doador freqüente (67), mãe é doadora freqüente (52).

Tabela 2 – Associação entre doação de sangue e fatores sócio-econômicos, sexo, idade, fase do curso, idade, *status* de doação dos pais, escolaridade dos pais e tipo sanguíneo entre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), maio de 2008.

Variáveis		Já doou sangue?				Valor-p
		Sim		Não		
		n	%	n	%	
Sexo	Masculino	105	43,2	138	56,8	0,070 ^a
	Feminino	95	35,1	176	64,9	
Idade	17-20	42	30,9	94	69,1	0,030 ^b
	21-23	98	40,5	144	59,5	
	24 ou mais	59	43,7	76	56,3	
Renda (R\$)	500-4000	41	37,3	69	62,7	0,274 ^b
	4001-7000	39	36,8	67	63,2	
	7001-80000	63	43,8	81	56,2	
Fase	1 ^a – 4 ^a	61	33,0	124	67,0	0,038 ^a
	5 ^a – 8 ^a	78	46,2	91	53,8	
	9 ^a – 12 ^a	61	38,1	99	61,9	
Tipo Sanguíneo	A	76	36,2	134	63,8	0,152 ^a
	O	89	41,8	124	58,2	
	B	25	53,2	22	46,8	
	AB	8	47,1	9	52,9	
Origem escolar ensino médio	Apenas escola particular	153	37,5	255	62,5	0,682 ^b
	Apenas escola pública	18	42,9	24	57,1	
	Ambas	27	45,0	33	55,0	
Escolaridade do Pai	Até superior incompleto	68	42,5	92	57,5	0,258 ^b
	Superior completo	81	38,4	130	61,6	
	Pós-graduado	51	36,2	90	63,8	
Escolaridade da Mãe	Até superior incompleto	83	43,2	109	56,8	0,162 ^b
	Superior completo	71	36,8	122	63,2	
	Pós-graduado	46	35,9	82	64,1	
Pai já doou sangue	Sim	81	43,8	104	56,2	0,253 ^a
	Não	51	37,0	87	63,0	
Mãe já doou sangue	Sim	68	49,3	70	50,7	0,060 ^a
	Não	81	38,6	129	61,4	
Pai é doador freqüente	Sim	16	36,4	28	63,6	0,740 ^a
	Não	106	39,9	160	60,2	
Mãe é doadora freqüente	Sim	16	59,3	11	40,7	0,021 ^a
	Não	81	35,5	147	64,5	

^aTeste exato de Fisher

^bTeste do qui-quadrado para tendência linear

Endereço para correspondência:

João Luiz Bastos

Rua Marechal Deodoro, 1160 – 3º piso - Centro
Pelotas - Rio Grande do Sul.

CEP: 96020-220

E-mail: joao.luiz.epi@gmail.com